

# aniquilação

jeff vandermeer

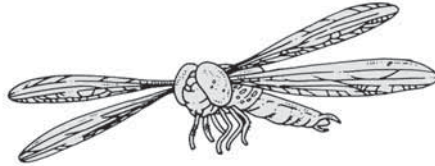
Tradução de Casimiro da Piedade



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para a Ann

# ÍNDICE



01: INICIAÇÃO .....	9
02: INTEGRAÇÃO .....	45
03: IMOLAÇÃO .....	97
04: IMERSÃO .....	131
05: DISSOLUÇÃO .....	167
AGRADECIMENTOS .....	209

1

INI

CIA

ÇÃO



**A** torre, que não se esperaria que ali estivesse, mergulha Terra adentro num local mesmo antes da floresta de pinheiros negros começar a dar lugar ao pântano e aos canaviais e árvores nodosas do paul. Para além deste e dos canais de água fica o oceano e, um pouco mais abaixo ao longo da costa, um farol abandonado. Toda esta área do país tinha sido abandonada havia décadas, por razões de difícil explicação. A nossa expedição foi a primeira a entrar na Área X em mais de dois anos, e muito do equipamento deixado pelos nossos antecessores tinha-se enferrujado, não sendo as suas tendas e cabanas agora mais do que carcaças. Não creio que nenhuma de nós, ao olharmos aquela paisagem intocada, pudesse antever então a ameaça.

Éramos quatro: uma bióloga, uma antropóloga, uma topógrafa e uma psicóloga. Eu era a bióloga. Dessa feita, calhara sermos todas mulheres, escolhidas em função do complexo conjunto de variáveis que presidiam ao envio das expedições. A psicóloga, a mais velha de nós, era a líder do grupo. A fim de permanecermos calmas ao atravessarmos a fronteira, tinha-nos hipnotizado a todas. Levou-nos quatro dias de caminhada intensa depois de atravessarmos a fronteira até chegarmos à costa.

A nossa missão era simples: continuar a investigação

governamental dos mistérios da Área X, partindo lentamente do acampamento de base.

A expedição poderia durar dias, meses ou até anos, dependendo dos vários estímulos e condições. Tínhamos mantimentos para seis meses, mais os mantimentos já armazenados no acampamento de base e que dariam para dois anos. Tinha-nos sido dito também que, em caso de necessidade, era seguro colhermos alimentos da terra. Toda a nossa comida era fumada ou enlatada ou vinha em pacotes. A nossa mais bizarra peça de equipamento era um instrumento de medição que tinha sido dado a cada uma de nós e que ficava pendurado dos nossos cintos: um pequeno retângulo de metal negro com um buraco no meio, coberto por vidro. Se o buraco ficasse com uma luz vermelha, tínhamos trinta minutos para escaparmos para uma “zona segura”. Não nos foi dito o que media o instrumento ou porque devíamos temer a “luz vermelha”. Depois das primeiras horas, tinha-me habituado de tal forma à sua presença que não tinha voltado a olhar para ele. Tinha-nos sido proibido o uso de relógios e bússolas.

Quando chegámos ao acampamento, começámos a substituir equipamento obsoleto ou danificado pelo que trouxéramos e a montar as nossas tendas. A reconstrução das cabanas ficaria para mais tarde, assim que tivéssemos a certeza de não termos sido afetadas pela Área X. Os membros da última expedição tinham acabado por sair dali, um a um. Depois de algum tempo tinham regressado às suas famílias, pelo que, em rigor, não tinham desaparecido. Tinham simplesmente desaparecido da Área X e, por meios desconhecidos, reaparecido no mundo do outro lado da fronteira. Eram incapazes de relatar os detalhes daquela travessia. Esta *transferência* tinha-se dado ao longo de dezoito meses, e nunca ocorrera em expedições anteriores. Mas outros fenómenos podiam resultar em “dissoluções prematuras de expedições”, como os nossos superiores nos tinham dito, pelo que precisávamos de testar a nossa resistência naquele local.

Precisávamos também de nos aclimatar. Na floresta junto ao acampamento de base era possível encontrar ursos negros ou coiotes. Podíamos ouvir um súbito coaxar e ver o frémito de uma garça-real num ramo e, distraídas, pisarmos uma cobra venenosa, das quais havia pelo menos seis espécies diferentes. Os pântanos e os cursos de água escondiam enormes répteis aquáticos, pelo que tínhamos o cuidado de não nos metermos demasiado fundo na água quando íamos recolher amostras. Ainda assim, nenhum destes detalhes do ecossistema nos preocupava por aí além. Outros elementos, contudo, perturbavam-nos mais. Outrora, tinham existido ali cidades, e encontrávamos sinais inquietantes da presença humana: barracos apodrecidos com tetos afundados e avermelhados, travões de carruagens de comboios meio enterrados na terra, e as marcas apagadas dos limites de currais, agora meros ornamentos para camadas de uma lama composta de agulhas caídas dos pinheiros.

Bem pior do que isso era um gemido grave e poderoso ao anoitecer. O vento que vinha da direção do mar e a estranha quietude das terras em redor impediam-nos de detetar com precisão de onde ele provinha; o som parecia ter-se infiltrado nas águas negras que empapavam os ciprestes. Esse negrume era tal que podíamos ver os nossos rostos na superfície da água, a qual nunca exibia qualquer movimento, permanecendo fixa como um espelho que refletia os cachos de musgo cinzento que cobriam os ciprestes. Se olhássemos na direção do oceano através desta área, tudo o que veríamos seria essa água negra, os troncos cinzentos dos ciprestes e a chuva constante e imóvel de musgo caindo sobre a terra. A beleza de tudo aquilo era algo difícil de entender, e quando vemos beleza na desolação há algo que muda em nós. A desolação tenta colonizar-nos.

Como atrás contei, encontrámos a torre num local pouco antes de a floresta ficar inundada e se transformar em pântano. Isto foi no nosso



quarto dia depois de termos chegado ao acampamento de base, quando estávamos já quase perfeitamente ambientadas. Com base nos mapas que tínhamos trazido e nos documentos manchados de humidade e pó dos pinheiros que os nossos antecessores tinham deixado, não esperávamos encontrar nada ali. Mas ela ali estava, rodeada parcialmente por um matagal e meio oculta pelo musgo que se acumulara, um pouco à esquerda do nosso caminho, um bloco circular de pedra acinzentada misturada com cimento e restos de conchas. Tinha aproximadamente pouco menos de vinte metros de diâmetro e uma altura de vinte centímetros. A sua superfície carecia de qualquer tipo de inscrições que pudessem revelar algo sobre a sua função ou sobre quem a tinha construído. Uma abertura retangular no bloco, a Norte, revelava escadas que desciam em espiral em direção à mais densa escuridão. A entrada estava tapada pelas teias das aranhas da banana e pelos detritos de tempestades, mas sentia-se uma aragem fresca vinda do fundo.

De início, apenas eu vi que se tratava de uma torre. Não sei porque me veio à cabeça a palavra *torre*, uma vez que ela penetrava terra adentro. Podia tê-la visto também como um bunker ou um edifício enterrado. Mas assim que vi as escadas, lembrei-me do farol na costa e tive uma visão repentina da última expedição a abandonar o local, um atrás do outro, e do terreno, algum tempo depois, a mover-se de uma maneira uniforme e pré-determinada para o deixar no local em que sempre estivera mas depositando esta sua parte subterrânea costa adentro. Vi tudo isto em todos os seus intrincados detalhes enquanto ali estávamos, e, pensando agora nisso, creio que terá sido o primeiro pensamento irracional que tive depois de termos chegado ao nosso destino.

— É impossível — disse a topógrafa, a olhar para os mapas. A sombra sólida do fim de tarde envolvia-a numa penumbra fria e dava às suas palavras uma urgência muito maior do que a que elas teriam de outra forma. O sol estava a dizer-nos que em breve teríamos de usar as nossas lanternas para indagarmos o

impossível, ainda que eu tivesse ficado muito feliz se o fizessemos na escuridão.

— Mas ali está — disse eu. — A não ser que estejamos a sofrer de uma alucinação coletiva.

— O modelo arquitetónico é difícil de identificar — disse a antropóloga. — Os materiais são ambíguos, indicando uma origem local mas não necessariamente uma construção local. Sem entrarmos, será impossível saber se é primitivo ou moderno, ou algo intermédio. E tentar saber a sua antiguidade parece-me muito complicado também.

Não havia maneira de informarmos os nossos superiores acerca desta descoberta. Uma das regras das expedições na Área X era a de que se devia evitar o contacto com gente de fora, por receio de uma irremediável contaminação. Tínhamos também pouca coisa connosco que estivesse ao nível da tecnologia atual. Não tínhamos telemóveis, computadores, câmaras de vídeo, nenhum instrumento de medição complexo a não ser aquelas estranhas caixas negras nos nossos cintos. As nossas máquinas fotográficas exigiam-nos o recurso a câmaras escuras improvisadas. A ausência de telemóveis em particular fazia com que o mundo real parecesse estar muito longe para as minhas colegas, mas eu sempre tinha preferido viver sem eles. Como armas, tínhamos facas, uma caixa selada contendo armas de fogo antigas e uma carabina, sendo esta uma concessão algo relutante aos padrões de segurança de então.

Tudo o que se esperava de nós, simplesmente, era que mantivéssemos um registo das ocorrências, como esta, num diário, como este: leve mas quase indestrutível, com papel à prova de água, uma capa flexível preta e branca, com as linhas azuis horizontais para a escrita e a linha vermelha à esquerda a marcar a margem. Estes diários voltariam connosco ou seriam encontrados pela próxima expedição. Tinha-nos sido pedido que fornecêssemos o máximo de informação contextual, para que qualquer pessoa que não

conhecesse a Área X pudesse entender os nossos relatos. A ordem era a de que não partilhássemos os diários entre nós: os nossos superiores achavam que a partilha em demasia da informação poderia deformar as nossas observações. Mas eu sabia, por experiência, o inútil que era essa obsessão, essa tentativa de extirpar a nossa subjetividade. Nada que vivesse e respirasse era verdadeiramente objetivo, mesmo se num vácuo, mesmo se a única coisa que alimentasse o cérebro fosse um desejo quase suicida pela verdade.

— Estou entusiasmada com esta descoberta! — lançou a psicóloga antes que pudéssemos discutir um pouco mais sobre o que fazer. — E vocês? — Não nos tinha feito essa pergunta até aí. Durante o treino, as perguntas que ela fizera tinham sido antes do género “Qual o nível de calma que acha que conseguiria ter numa situação de emergência?” Nessa altura, ela tinha-me parecido uma espécie de má atriz a representar um papel. Agora isso era ainda mais evidente, como se o facto de ser a nossa líder a deixasse nervosa.

— Sim, é entusiasmante... e inesperado — disse eu, evitando fazer uma caricatura dela e sem o conseguir. A sensação de mal-estar crescente apanhou-me de surpresa, sobretudo porque, na minha imaginação, nos meus sonhos, esta descoberta seria do mais banal possível. Na minha cabeça, antes de termos atravessado a fronteira, vira inúmeras coisas: cidades imensas, animais raros e, certa vez, durante uma doença, um monstro enorme que emergia das ondas para atacar o nosso acampamento.

A topógrafa, entretanto, limitou-se a encolher os ombros, sem responder à pergunta da psicóloga. A antropóloga anuiu com a cabeça, como se concordasse comigo. A entrada para as profundezas da torre exercia sobre nós o poder de uma presença particular, uma superfície em branco sobre a qual podíamos escrever tantas coisas. Esta presença impunha-se a todas nós como uma febre em lume brando.

Dir-vos-ia o nome das outras três, se isso fosse importante, mas apenas a topógrafa sobreviveria para além dos dois dias seguintes. Além disso, tinham-nos sempre desencorajado a usarmos os nossos nomes: a missão implicava uma total concentração nos objetivos e “tudo o que era pessoal devia ser deixado para trás”. Os nomes pertenciam aos sítios de onde viéramos e não ao que éramos ali, algures na Área X.



De início, a nossa expedição fora composta por cinco elementos, incluindo uma linguista. Para alcançar a fronteira, cada uma de nós teve de entrar numa sala de paredes brancas, muito iluminada, com uma porta no extremo oposto e uma cadeira de metal no canto. A cadeira tinha buracos do lado, onde se enfiavam tiras de couro. As implicações deste facto causaram-me um ligeiro alarme, mas, por essa altura, eu estava decidida a chegar à Área X. Estas salas pertenciam a um edifício controlado pela Extensão Sul, a agência governamental clandestina que tratava de tudo o que tinha a ver com a Área X.

Ali esperámos enquanto nos eram feitos inúmeros testes e jatos de ar, uns frios, outros quentes, nos atingiam vindos dos respiradouros no teto. A certa altura, todas recebemos a visita da psicóloga, ainda que não me lembre do que se falou. Depois saímos pela porta do fundo e fomos dar a uma área central, com um par de portas ao fundo de um longo corredor. A psicóloga cumprimentou-nos a todas. Da linguista não havia sinal.

— Ela reconsiderou — disse a psicóloga, rebatendo as nossas questões com um olhar firme. — Decidiu ficar para trás.

Sentimos um ligeiro choque, mas também alívio pelo facto de a excluída não ter sido uma de nós. De todas as nossas especialidades, a linguística parecia ser a menos necessária.

— Agora libertem as vossas mentes — continuou, depois de uma pausa.

Isto queria dizer que ela ia dar início ao processo de nos hipnotizar para que pudéssemos atravessar a fronteira. Em seguida iria auto-hipnotizar-se também. Tinham-nos dito que teríamos de atravessar a fronteira tomando certas precauções para não perdermos o equilíbrio mental. Pelos vistos, as alucinações eram comuns. Foi isto, pelo menos, o que nos contaram. Não tenho já a certeza se era assim de facto. A verdadeira natureza da fronteira tinha-nos sido ocultada por razões de segurança; sabíamos apenas que era invisível a olho nu.

Daí que quando “acordei” junto com as outras, estivesse já totalmente equipada, incluindo um pesado par de botas de montanhismo, mochilas com vinte quilos de peso e uma série de equipamento pendurado dos nossos cintos. Todas oscilámos um pouco, e a antropóloga fraquejou mesmo, apoiando-se sobre um joelho no chão, enquanto a psicóloga esperou pacientemente que recuperássemos.

— Desculpem — disse ela. — Foi a reentrada menos chocante que pude arranjar.

A topógrafa soltou um palavrão enquanto lançava um olhar pouco amigável à psicóloga. Tinha um feitio que alguém devia ter julgado ser útil à missão. A antropóloga, como era seu hábito, ergueu-se sem um queixume. E eu, como era meu hábito, estava demasiado ocupada a observar tudo para levar a peito um tão rude despertar. Notei, por exemplo, a crueldade no sorriso quase impercetível nos lábios da psicóloga enquanto nos observava a ajustarmo-nos à situação, com a antropóloga ainda a fraquejar e a pedir desculpas por isso. Mais tarde apercebi-me de que podia ter lido mal a sua expressão: aquilo podia ter sido um sinal de dor ou autocomiseração.

Estávamos num carreiro de terra pejado de seixos, folhas

mortas e agulhas de pinheiro húmidas. Formigas aveludadas e pequenos escaravelhos-esmeralda rastejavam por cima daquilo tudo. Os pinheiros altos, com as suas cascas escamadas, elevavam-se de ambos os lados do carreiro e as sombras de pássaros em voo criavam linhas perpendiculares entre eles. O ar era tão fresco que nos feria os pulmões e respirar apenas uns segundos causava-nos um esforço que nos surpreendia. Então, depois de marcarmos a nossa localização com um pedaço de pano vermelho atado à volta do tronco de um pinheiro, começámos a caminhar em frente, na direção do desconhecido. Se a psicóloga, por alguma razão, ficasse incapacitada e não pudesse guiar-nos até ao fim da nossa missão, tinham-nos ordenado que regressássemos e esperássemos pela “extração”. Nunca nos tinha sido explicado como decorreria essa “extração”, mas o que estava subentendido era que os nossos superiores podiam observá-la de um ponto distante, ainda que estivéssemos bem para lá da fronteira.

Tinham-nos dito para não olharmos para trás assim que chegássemos, mas eu dei olhadela na mesma, enquanto a psicóloga estava atenta a outra coisa. Não sei bem o que vi. Era nebuloso, indistinto e já estava lá bem para trás, talvez um portão, talvez uma ilusão de ótica. Apenas a ligeira impressão de um bloco de luz vibrante e que rapidamente se eclipsou.



As razões pelas quais eu me tinha voluntariado não tinham nada a ver com as minhas qualificações para a expedição. Acredito que estas residissem no facto de me ter especializado em ambientes transicionais, e de este local em particular revelar várias transições, o que significava que dava abrigo a uma série de complexos

ecossistemas. Em poucos outros locais se poderia encontrar ainda um habitat em que, andando-se apenas uns nove ou dez quilómetros, se passasse de uma floresta a um pântano, deste a um sapal, e deste a uma praia. Tinham-me dito que na Área X encontraria vida marinha que se tinha adaptado à água doce e que, na baixa-mar, nadava para montante pelos canais naturais ladeados de canaviais, partilhando o mesmo ambiente com lontras e cervos. Se caminhássemos ao longo da praia, repleta dos buracos feitos pelos caranguejos-violinistas, poderíamos ver um desses gigantescos répteis, uma vez que eles também se tinham adaptado ao novo ambiente.

Percebia porque não se encontrava agora vivalma na Área X, que esta estava num tal estado de pureza precisamente por isso, mas estava sempre a esquecer-me desse facto. Tinha decidido simplesmente acreditar que se tratava de um refúgio de vida selvagem sob proteção e que nós éramos meras turistas em caminhada ao mesmo tempo que éramos, igualmente, cientistas. Isto fazia sentido a um determinado nível: não fazíamos ideia do que se tinha passado ali, do que estava ainda a passar-se, e quaisquer teorias preconcebidas iriam afetar a minha análise dos dados que fôssemos recolhendo. Além disso, no que me dizia respeito, pouco me importava quais as mentiras que contava a mim mesma porque a minha existência na vida que deixara para trás tinha-se tornado tão vazia como a Área X. Sem nada a que me agarrar, *precisava* realmente de estar ali. Quanto às outras, não sei o que diziam a elas mesmas, e também não queria saber, mas acredito que, pelo menos, todas afetassem um certo grau de curiosidade. A curiosidade podia ser uma distração muito eficaz.

Nessa noite falámos sobre a torre, ainda que as outras continuassem a chamar-lhe túnel. A responsabilidade pela iniciativa das nossas investigações residia em cada uma de nós, ainda que a autoridade da psicóloga se sobrepusesse e circunscrevesse essas

decisões individuais. A lógica que presidia ao lançamento das expedições mais recentes era a de dar a cada membro alguma autonomia de decisão, o que permitia o aumento da “possibilidade de variação significativa”.

Este vago protocolo existia no contexto das nossas aptidões particulares. Por exemplo: ainda que todas tivéssemos recebido treino elementar de sobrevivência e no uso de armas, a topógrafa tinha uma experiência médica e com armas de fogo muito mais vasta do que a nossa. A antropóloga tinha sido outrora arquiteta, e tinha sobrevivido a um incêndio num edifício que ela desenhara, o que acabou por ser a única informação pessoal que fiquei a saber dela. Quanto à psicóloga, não sabíamos quase nada sobre ela, mas creio que todas acreditávamos que trabalhara em gestão.

A discussão sobre a torre foi, de certo modo, a nossa primeira oportunidade para testar os limites de discórdia e de compromisso entre nós.

— Não creio que nos devêssemos concentrar no túnel — disse a antropóloga. — Deveríamos continuar a explorar o território além deste ponto, e voltar aqui com todos os dados que tivermos recolhido nas outras investigações, incluindo ao farol.

Muito previsível, ainda que talvez presciente, aquela forma da psicóloga propor uma alternativa mais segura e confortável. Apesar de achar a ideia de mapear o território excessivamente formal ou repetitiva, não podia negar a existência da torre, da qual não parecia haver qualquer registo nos mapas conhecidos.

— Nesse caso, acho que devíamos considerar o túnel como algo não-invasivo ou inofensivo — disse a topógrafa. — Antes de avançarmos com a exploração. Caso contrário, seria como termos um inimigo à retaguarda.

Ela tinha experiência militar, e pude apreciar imediatamente o valor dessa experiência. Pensara que uma topógrafa estaria sempre a favor de uma exploração destemida, pelo que esta sua opinião era de ter em conta.



— Estou impaciente para explorar os habitats desta zona — disse eu. — Mas, uma vez que não se encontra em qualquer mapa, o “túnel”... ou torre... parece-me algo importante. Ou se tratou de exclusão deliberada dos nossos mapas, o que significa que a sua existência é conhecida e isso parece-me ser um tipo qualquer de mensagem... ou é algo novo que não estava aqui quando a última expedição chegou.

A topógrafa lançou-me um olhar de agradecimento pelo apoio, mas a minha posição nada tivera de apoio à sua. Havia algo na ideia de uma torre que se afundava na terra que encaixava perfeitamente com uma sensação de vertigem e um fascínio pela sua estrutura. Não sabia bem qual dessas coisas mais me atraía e me assustava; tinha apenas visões do interior de conchas e de outros padrões naturais, junto com a de um súbito salto de uma falésia para o desconhecido.

A psicóloga anuiu com a cabeça, parecendo concordar comigo.

— Há alguém que tenha já um fragmento que seja de uma sensação de querer abandonar este local? — lançou ela.

Era uma questão perfeitamente legítima, mas chocante também.

Todas abanámos a cabeça.

— E você? — perguntou-lhe a topógrafa. — O que pensa?

A psicóloga sorriu, o que pareceu algo estranho. Mas devia saber que fôramos todas incumbidas de observar as suas reações aos diversos estímulos. Talvez a divertisse a ideia de que alguém especializado na superfície das coisas, como uma topógrafa, tivesse sido escolhido em vez de uma bióloga ou uma antropóloga.

— Tenho de admitir uma enorme sensação de desconforto neste momento. Mas não sei bem se se deve ao ambiente em que estamos ou à presença do túnel. A minha opinião é que devemos investigar já o túnel.

*Torre.*

— Três votos contra um — disse a antropóloga, nitidamente aliviada por outras terem decidido por ela.

A topógrafa limitou-se a encolher os ombros.

Talvez eu me tivesse enganado quando à sua curiosidade: ela não parecia ter curiosidade por nada.

— Aborrecida? — perguntei-lhe.

— Só quero despachar isto — respondeu para o grupo, como se eu tivesse feito a pergunta em nome de todas.

O nosso debate dera-se ao abrigo da tenda comunal. Anoitecera entretanto e pouco depois ouviam-se de novo os estranhos e pesarosos clamores noturnos que sabíamos só poderem ter origem natural mas que, mesmo assim, nos provocavam um ligeiro arrepio. Como se isso fosse um sinal para desfazermos a reunião, voltámos para as nossas tendas individuais e entregámo-nos aos nossos pensamentos. Permaneci acordada durante um bom bocado, tentando transformar a torre num túnel ou até num poço, mas não consegui. Em vez disso, na minha mente mantinha-se inalterada uma questão: *o que se esconde lá no fundo?*



Durante a nossa caminhada da fronteira até ao acampamento de base junto à costa, não tínhamos observado nada de extraordinário. Os pássaros cantavam como se esperaria. Os cervos saltavam por ali, com as caudas brancas semelhantes a pontos de exclamação que marcavam o terreno verde e castanho. Os guaxinins de pernas tortas andavam na sua vida sem nos prestarem atenção. O nosso grupo sentia-se quase exultante, creio, pela liberdade após tantos meses de reclusão, treino e preparação. Enquanto estivéssemos nesse corredor, nesse espaço de transição, nada poderia afetar-nos. Nem éramos já o

que fôramos, nem ainda o que seríamos assim que chegássemos ao nosso destino.

No dia anterior à chegada ao acampamento, este espírito fora brevemente alterado pelo aparecimento de um enorme javali à nossa frente no carreiro, a alguma distância. De início estava tão longe que nem com binóculos conseguimos identificá-lo com precisão. Mas, apesar da má visão, os javalis têm um faro prodigioso; assim que nos sentiu, começou a correr na nossa direção, cavalgando em fúria pelo carreiro abaixo. Ainda assim tivemos tempo de pensar no que fazer: tínhamos sacado das facas de mato e, no caso da topógrafa, da carabina. Talvez uma ou duas balas travassem um porco selvagem com mais de trezentos quilos, ou talvez não. Não tínhamos a confiança necessária para desviar a atenção da marcha do javali enquanto levávamos a mão à mala das armas que todas trazíamos no nosso equipamento e abríamos a sua tripla fechadura.

Não houve tempo para a psicóloga preparar qualquer sugestão hipnótica destinada a manter-nos focadas e em controle da situação. Na verdade, a única coisa que fez foi gritar-nos “não se aproximem, e não deixem que vos toque!”, enquanto o animal continuava a sua carga. A antropóloga ria de nervosismo e do absurdo de experimentar uma situação de emergência que estava a durar tanto tempo. Apenas a topógrafa parecia ter-se decidido por fazer algo: ajoelhou-se para melhorar a mira. As nossas ordens incluíam a útil diretiva de “matar apenas em caso de perigo de morte”.

Continuava a ver pelos binóculos, e, à medida que o javali se aproximava, o seu focinho ia ficando cada vez mais estranho. As suas feições pareciam distorcidas, como se o animal estivesse sob um sofrimento atroz, um qualquer tormento interior. Nada nos detalhes do seu focinho largo, na sua boca ou nariz, era particularmente extraordinário, é certo, mas eu não deixava de sentir que ali havia uma *presença*, na forma como o seu olhar parecia morto e a sua cabeça pendia para a esquerda, como se forçada por um freio

invisível. Os seus olhos tinham um brilho quase elétrico que não me pareceu real: pensei, antes, tratar-se de um efeito da visão binocular e da tremedeira das minhas mãos.

O que quer que estivesse a possuir aquele javali em breve extinguiu o seu desejo de atacar. Virou subitamente para a sua esquerda, emitindo o que consigo apenas descrever como um lancinante grito de angústia, e desapareceu entre a vegetação. Quando chegámos a esse ponto do carreiro, do javali já não havia vestígios a não ser um trilho de vegetação revolta.

Durante muitas horas procurei em pensamentos uma explicação para o que acabara de ver: parasitas ou outro tipo de hóspedes neurológicos. Procurava uma explicação unicamente racional e biológica. Depois de algum tempo, contudo, o javali desvaneceu-se na minha memória, como tudo o resto que víamos desde a fronteira, e encontrava-me de novo a encarar o futuro.

